

## **Notas da Prisão (IV)**

*(Moabiter Notizen)*

**Erich Honecker**

### **Sobre a RDA**

O fim da RDA foi uma tragédia particularmente grande. Com a Checoslováquia, a RDA era um dos países socialistas mais desenvolvidos, uma alternativa real ao sistema imperialista. As mulheres e os homens da primeira hora, os construtores do socialismo na RDA, conseguiram fazer muito no seu tempo. As suas realizações ficarão na memória do povo e influenciarão no futuro. Agora, depois da incorporação na RFA, são muitos os que sentem a falta do que lhes era querido na RDA: a segurança em matéria social garantida pelo socialismo.

Não há nenhuma razão nem ninguém tem o direito de denegrir as realizações dos trabalhadores, por muitos erros e insuficiências que tenham afectado o socialismo. Afinal não podíamos modelar o socialismo a partir de critérios arbitrários e fazer tábua rasa da experiência acumulada na URSS. Isso não só não era possível, mas também não seria correcto, pois aprendemos a dar os primeiros passos nesse caminho precisamente com os países que construíam o socialismo.

Muitos trabalhadores da RDA falavam com orgulho da «*sua empresa*». Foi um passo em frente, um passo de grande significado, que determinava de forma crescente as condições de vida e, ao mesmo tempo, gerava um vasto conjunto de problemas. Tratava-se dos acordos colectivos, da habitação, de férias a preços acessíveis para todos. Tratava-se de abrir o caminho da universidade aos filhos dos operários e camponeses. Era preciso revolver literalmente toda a sociedade que nos tinha sido legada pelos capitalistas e latifundiários, pelo fascismo e pela guerra.

Ninguém poderá dizer que tudo foi feito correctamente. Mas em 1945 não dispúnhamos dos quadros necessários para a indústria e a agricultura. Na altura ninguém sabia quem estaria em condições de dirigir a *Buna*<sup>1</sup> ou a *Zeiss*.<sup>2</sup> Esta

---

<sup>1</sup> A *Buna*, situada entre Merseburg e Halle, era a maior fábrica do mundo de borracha sintética da *I.G. Farben*. Construída em 1936, o nome de *Buna* tem origem no processo de produção de borracha sintética, a polimerização de butadieno com sódio [*Natrium* em latim (*NT*)] – também chamado *buna*. Em 1954, a fábrica química *Buna*, pertencente à empresa soviética *AG Borracha*, foi nacionalizada e transformada na *VEB* (empresa de propriedade pública) *Fábrica Química Buna*. Enquanto empresa pública, a fábrica tornou-se no maior

questão só podia ser resolvida gradualmente, na sequência de um enorme esforço de formação. E nalgumas empresas esta questão só foi resolvida em 1958.<sup>3</sup> Mas uma coisa é certa, quer os 2,3 milhões de membros do PSUA, quer os mais de 500 mil membros dos partidos aliados no Bloco Democrático<sup>4</sup> não têm qualquer motivo para se humilharem perante os novos senhores.

Em 1989, a RDA era um país com uma indústria e uma agricultura modernas, dispondo de uma ampla rede de protecção social. Apesar de hoje termos de utilizar o pretérito, o facto de a RDA ter existido não pode ser apagado da História. Nenhuma propaganda anti-socialista, por mais violenta que seja, pode fazê-la desaparecer da História.

A RDA foi o resultado da II Guerra Mundial e do pós-guerra. A 8 de Maio de 1945 ainda não tínhamos a menor ideia da possibilidade da sua existência. Interrogávamo-nos em conjunto sobre como deveríamos continuar a viver.

A guerra acabara nas ruínas de Berlim. Tudo se tornou ainda mais confuso quando os Aliados vitoriosos se dividiram. Surgiram, não um, mas dois Estados alemães, sem que o povo tivesse sido consultado. Nenhum de nós tinha antes

---

produtor mundial de carboneto. Com os seus 18 mil operários, a fábrica *Buna* era um dos cinco maiores combinados industriais da RDA.

<sup>2</sup> Carl Zeiss é um dos nomes mais famosos da indústria óptica e mecânica fina. A empresa foi fundada na cidade de Jena, na Turíngia, em 1846, pelo mestre mecânico Carl Zeiss. Nas duas guerras mundiais, a empresa foi um importante produtor de armamento e equipamentos militares. Em 1965, a *VEB Carl Zeiss Jena* tornou-se na casa mãe do combinado com o mesmo nome, ao qual, pouco a pouco, se associaram outras empresas estatais da indústria óptica, mecânica fina e electrónica. Nos anos 80, a *VEB Carl Zeiss* abrangia 25 empresas com cerca de 70 mil trabalhadores. O prof. Wolfgang Biermann, membro do CC do PSUA, foi director-geral do combinado de 1975 a 1989. Em 1955, na *Zeiss Jena* produziu-se o primeiro computador na RDA, o *OPREMA*. Em 1961, com a calculadora automática *Zeiss (ZRA I)* criou-se mais um computador que foi produzido até 1964. Na *VEB Carl Zeiss Jena* desenvolveu-se e produziu-se a câmara multi-espectral *MKF6* para observação do espaço e a partir de aviões. Foi utilizada pela primeira vez a bordo da nave espacial *Soiuz 22* em 1976. Sigmund Jähn, o primeiro alemão no cosmos, também a utilizou para experiências e observação da Terra durante a sua viagem espacial em 1978. A versão *MKF 6M*, mais evoluída, foi utilizada na estação espacial *MIR*. Em Jena foram também desenvolvidos e produzidos os projectores de planetários que eram exportados para todo o mundo. O combinado *VEB Carl Zeiss* recebeu na Feira de Leipzig de 1989 a medalha de ouro pelo seu *1-Megabit-Chip U61000*.

<sup>3</sup> A Comissão Estatal de Planeamento iniciou as suas funções a 11 de Fevereiro de 1958 e a Associação das Empresas Públicas (*VVB*) ficou na sua dependência.

<sup>4</sup> O Bloco Democrático era a associação de partidos políticos e organizações de massas na RDA. Foi fundado em 14 de Julho de 1945 pelos quatro partidos (*KPD, SPD, CDU e LPD*) autorizados pela administração militar soviética (*SMAD*). Cada um tinha cinco representantes e as deliberações eram por princípio tomadas por unanimidade. O objectivo comum era um novo começo democrático e antifascista, na base do respeito mútuo e da independência de cada partido. Depois de o Bloco Democrático se ter constituído como núcleo na Frente Nacional para a Renovação Democrática da Alemanha (fundada em 1950), mais tarde designada Frente Nacional da República Democrática Alemã, passou a considerar a sua tarefa principal o desenvolvimento de um novo tipo de democracia socialista. A 5 de Dezembro de 1989, o *LDPD* e a *CDU* demitiram-se do Bloco Democrático, o qual cessou então de existir.

pensado nesta possibilidade. Os Aliados ocidentais juntaram as suas zonas de ocupação, formou-se uma bi-zona, depois uma tri-zona. Fez-se uma reforma monetária unilateral,<sup>5</sup> e seguiu-se a criação da RFA e posteriormente da RDA.<sup>6</sup>

Nesta situação verdadeiramente complexa, W. Pieck,<sup>7</sup> O. Grotewohl<sup>8</sup> e W. Ulbricht<sup>9</sup> juntamente com O. Nuschke,<sup>10</sup> W. Külz<sup>11</sup> e J. Dieckmann<sup>12</sup> agiram de forma

---

<sup>5</sup> A 21 de Junho de 1948, as três potências ocupantes ocidentais introduziram o *deutsche mark* (marco alemão) nas suas zonas de ocupação, que substituiu o *reichmark* ainda em circulação nas quatro zonas de ocupação. Esta reforma monetária unilateral, decidida sem conhecimento prévio ou concordância da URSS, foi um passo decisivo para a separação da Alemanha. Três dias mais tarde, para se defender de uma inundação de *reichmarks*, a zona de ocupação soviética (*SBZ*) efectuou também uma reforma monetária: colocaram-se autocolantes do tamanho de meio selo nas notas, indicando um determinado valor. O povo chamava a esta nova moeda «cola» ou «papel de parede». Este dinheiro foi substituído em Julho de 1948 por novas notas. A 24 de Junho de 1948, a potência de ocupação soviética, em reacção à decisão das potências ocidentais, estabeleceu o controlo especial nos acessos a Berlim Ocidental (bloqueio de Berlim). Isso foi o pretexto para a «*ponte aérea*», encenada com muita propaganda.

<sup>6</sup> Com o anúncio de uma Lei Fundamental, a 23 de Maio de 1949, fundou-se separadamente como Estado alemão a República Federal da Alemanha (RFA). Consumou-se assim a divisão da Alemanha. A zona de ocupação soviética tinha inevitavelmente que reagir e, a 7 de Outubro de 1949, constituiu-se neste território a República Democrática Alemã (RDA).

<sup>7</sup> Wilhelm Pieck (1876-1960), carpinteiro nascido em Guben e, juntamente com Otto Grotewohl, co-presidente do PSUA desde 1946. A 7 de Outubro de 1949 foi eleito pelo Parlamento provisório (*Volkskammer*) Presidente da RDA. Desempenhou este cargo até à sua morte. O cargo de Presidente da República passou depois a ser exercido pelo Conselho de Estado «colectivo».

<sup>8</sup> Otto Grotewohl (1894-1964), tipógrafo nascido em Braunschweig e, juntamente com Wilhelm Pieck, co-presidente do PSUA desde 1946. foi encarregado de formar governo em Outubro de 1949. Exerceu o cargo de primeiro-ministro da RDA até à sua morte. Willi Stoph sucedeu-lhe no cargo.

<sup>9</sup> Walter Ulbricht (1893-1973), carpinteiro nascido em Leipzig, foi primeiro-ministro adjunto, ao lado de Otto Grotewohl. Desde 1950 até à sua morte exerceu os cargos de secretário-geral e a seguir de primeiro secretário do CC do PSUA. A partir de 1960 ocupou também os cargos de presidente do Conselho de Estado e de presidente do Conselho de Defesa Nacional da RDA. Ulbricht foi o estadista mais importante na primeira metade da existência da RDA.

<sup>10</sup> Otto Nuschke (1883-1957), tipógrafo nascido em Frohburg/Sa e mais tarde jornalista. Até 1933 foi secretário-geral do Partido Democrático Alemão (*DDP*), fundador da CDU em 1945 e seu presidente na zona de ocupação soviética a partir de 1948. Em Março de 1948 tornou-se, juntamente com Wilhelm Pieck (PSUA) e Wilhelm Külz (*LDPD*), presidente do Conselho do Povo Alemão, que preparou a Constituição da RDA. De 1949 até à sua morte foi representante do primeiro-ministro.

<sup>11</sup> Wilhelm Külz (1875-1948), jurista nascido em Bona, foi ministro do Interior em 1926, pelo Partido Democrático Alemão (*DDP*). No Verão de 1945 fundou o Partido Liberal Democrata da Alemanha (*LDPD*). Em 1947 foi eleito em Rothenburg ob der Tauber, juntamente com Theodor Heuss, co-presidente do Partido Democrático da Alemanha (*DPD*) Assumiu com Otto Nuschke (CDU) e Wilhelm Pieck (SED) a presidência da Comissão do Povo Alemão, a partir da qual se formou o Parlamento da RDA (*Volkskammer*).

a proporcionar uma vida melhor ao povo da recém-criada RDA: 17 milhões de habitantes, dos quais 4,3 milhões de deslocados.

O PSUA foi apoiado nesta acção pelos partidos tradicionalmente ancorados na burguesia. A RDA foi fundada por iniciativa do bloco antifascista dos partidos democráticos que inspiraram o amplo movimento popular «*Pela Unidade e Paz Justa*».<sup>13</sup> A RDA nasceu das ruínas da II Guerra Mundial e converteu-se num Estado respeitado, com relações diplomáticas em todo o mundo e uma participação activa na ONU.

Não é possível analisar a política da RDA, positiva ou negativamente, sem ter em conta o que se passava na Europa e no mundo. Não é nenhuma sobrevalorização da RDA, mas sim um facto afirmar que, num contexto internacional cada vez mais tenso, marcado nos anos 70 pela ameaça atómica, a RDA fez parte daqueles que, na Europa, tomaram a iniciativa de uma mudança na política internacional a favor do desanuviamento.

A RDA foi fortemente afectada pelo estacionamento e contra-estacionamento de mísseis.<sup>14</sup> Tivemos de gastar dois mil milhões de marcos. Aqueles que foram a

---

<sup>12</sup> Johannes Dieckmann (1893-1969), filho de um pastor, nasceu em Fischerhude, na Baixa Saxónia. Foi um estreito colaborador do ministro dos Negócios Estrangeiros, Gustav Stresemann (1878-1929), e fez parte dos fundadores do *LDP* em 1945. Entre 1949 e 1969 foi representante do presidente do partido e presidente da *Volkskammer*. Foi ainda representante do primeiro-ministro da RDA de 1960 a 1969.

<sup>13</sup> O Movimento Congresso do Povo foi fundado a 26 de Novembro de 1947 por iniciativa do PSUA. Constituiu uma reacção à Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, realizada em Londres em Novembro/Dezembro de 1947, na qual foram delineadas as bases para a formação de um Estado separado no Ocidente da Alemanha. A 6 de Dezembro de 1947, delegados de toda a Alemanha reuniram-se em Berlim no I Congresso Alemão do Povo para a Unidade e Paz Justa. A reivindicação mais importante era a constituição de um governo central para toda a Alemanha. O II Congresso do Povo reuniu-se a 17 e 18 de Março, no centenário da Revolução de 1848/49. Participaram 1989 delegados, dos quais 512 da zona ocidental. Decidiu-se rejeitar o Plano Marshall, reconhecer a Linha Oder-Neisse e realizar um referendo sobre a unificação alemã, que teve lugar de 23 de Maio a 13 de Junho de 1948. Também foi eleito o primeiro Conselho Alemão do Povo, que era constituído por 400 membros, dos quais 100 eram da Alemanha Ocidental. Constituiu-se uma comissão constitucional, sob a direcção de Otto Grotewohl, que devia preparar uma proposta para uma Constituição da República Democrática Alemã (unida). O III Congresso do Povo teve lugar a 29/30 de Maio de 1949 em Berlim, reunindo 1400 delegados da zona de ocupação soviética e 610 da zona ocidental. A proposta de Constituição, que tinha sido elaborada pela Comissão Constitucional do Conselho do Povo, foi aprovada com um voto contra e foi eleito o II Conselho Alemão do Povo. Este constituiu-se como parlamento provisório, em 7 de Outubro de 1949, sob o efeito da fundação da República Federal da Alemanha, ocorrida a 23 de Maio do mesmo ano.

<sup>14</sup> Em Dezembro de 1979 a NATO decidiu estacionar 108 mísseis *Pershing II* e 464 *Cruise* na Europa Ocidental. Ao mesmo tempo propuseram à URSS negociações para a eliminação de todos os mísseis nucleares de médio alcance na Europa (Dupla Decisão da NATO). As novas armas americanas tinham importância estratégica na medida em que podiam ser utilizadas nos chamados golpes de decapitação contra a União Soviética. [Em inglês *decapitation strike* é um conceito da estratégia da guerra nuclear. Designa um ataque estratégico maciço com mísseis nucleares contra as estruturas dirigentes políticas e militares do adversário com o objectivo de neutralizar ou pelo menos limitar decisivamente um

Warendorf<sup>15</sup> em busca de factos sensacionalistas, puderam confirmar que ali não só tinham sido construídas instalações para os equipamentos militares, mas também casas, escolas, creches e restaurantes para os militares soviéticos responsáveis pelos mísseis.

Não nos podemos esquecer – e isto é válido para a totalidade dos 40 anos – que o povo com as suas próprias forças alcançou muitas realizações, mas isso só foi possível graças à existência e a ajuda da URSS.

Bréjnev tinha toda a razão quando, a 28 de Julho de 1970, durante uma visita que lhe fiz a seu convite, num hospital em Moscovo, me disse: «*A RDA não pode existir sem nós, sem a União Soviética, sem o seu poder e a sua força. Sem nós não há RDA. A existência da RDA corresponde aos nossos interesses, aos interesses de todos os Estados socialistas. Ela é o resultado da nossa vitória sobre a Alemanha hitleriana. A Alemanha já não existe e é bom que assim seja. Há uma RDA socialista e uma República Federal capitalista.*»

Para desgosto de milhões de homens, mulheres e crianças veio mais tarde a confirmar-se que sem a União Soviética não podia haver a RDA.

Quem conhece a história do pós-guerra, o combate comum dos que se empenharam na aplicação honesta do Acordo de Potsdam, quem conhece o deslizar progressivo da Europa para a guerra-fria, sabe também que a RDA não era algo «*artificial*» ou «*não-natural*». A RDA foi durante décadas uma pátria do socialismo, experienciado pelo povo e testemunhado pelo mundo.

Não há dúvida de que perdemos o socialismo na nossa pátria.

Hoje damo-nos conta de que várias personalidades no Ocidente perceberam muito antes de 1989 que a *perestroika* e a *glasnost* abriam a possibilidade da liquidação da RDA. Surge a questão de saber porque não se reconheceu este perigo a tempo na RDA, em toda a sua dimensão, e não se actuou em conformidade?

Como explicar o fervor das posições de um grande círculo de intelectuais da RDA a favor da *perestroika* e *glasnost*, ainda por cima num momento em que a estrela da renovação começava a perder brilho na própria União Soviética?

Seja como for, agora que o resultado deste grande erro está à vista, importa retirar os ensinamentos necessários desta catástrofe.

Um dos mais importantes é certamente que subestimámos o perigo do nacionalismo que submergiu a RDA em 1989/90. Subestimámos os problemas que resultavam da construção do socialismo num país dividido, no qual inúmeras estações de televisão e rádio influenciavam o comportamento das pessoas.

---

contra-ataque nuclear. (NT)] Porém, a eliminação de todos mísseis de médio-alcance na Europa teria diminuído decisivamente o potencial militar da URSS. Esta oferta desproporcional levou a URSS a abandonar todas as negociações de desarmamento e a iniciar, no começo dos anos 80, o estacionamento de mísseis nucleares de médio alcance na RDA e na República Checa. A nova corrida aos armamentos foi acompanhada por protestos de um amplo movimento pacifista. A 12 de Março de 1985, a URSS e os EUA reataram em Genebra as negociações sobre o controlo de armas nucleares, sistemas de mísseis nucleares de médio alcance, armas defensivas e no espaço.

<sup>15</sup> Em Fevereiro de 1987 a União Soviética iniciou o desmantelamento na RDA e na Checoslováquia dos mísseis de médio e de curto alcance do tipo SS12/SS-22, que foram destruídos, em Março, na estepe do Cazaquistão. Os primeiros comboios com mísseis partiram da cidade de Warendorf sob observação internacional.

Subestimámos o efeito das disparidades económicas entre o Ocidente e o Leste e o papel do consumo.

Subestimámos os perigos resultantes da acção da RFA no seio da NATO, onde era a maior potência económica e militar da Europa. Conhecíamos estes perigos. Fizeram-se grandes esforços económicos, políticos, ideológicos para reforçar a RDA a todos os níveis. Manifestamente não foi suficiente.

Havia défices na nossa política em todos os domínios. Afinal de contas poderíamos e deveríamos ter servido melhor a nossa justa causa.

Naturalmente tem de se ter em conta que a construção da nova sociedade colocava um número colossal de novas questões. Nem todas as questões foram agarradas em devido tempo e correctamente respondidas. Reflectiu-se de modo muito limitado sobre a construção da sociedade socialista. As questões resultantes do rápido desenvolvimento das tecnologias de ponta, num número restrito de países capitalistas desenvolvidos, não foram encaradas de forma conseqüente no conjunto do bloco socialista.

Já para não falar das dificuldades que as perturbações nas exportações e importações causavam ao desenvolvimento da economia da RDA. Por exemplo, a re-exportação de carvão soviético a partir da Polónia ou a importação de ferro e aço da União Soviética que não correspondiam às normas definidas, etc.

Por outro lado, tínhamos problemas económicos próprios não resolvidos. Havia propostas sensatas para os resolver, mas adiou-se a introdução de medidas concretas. Tudo isto teve conseqüências na produção. O cobertor que tínhamos para distribuir era demasiado curto.

A cooperação económica e a especialização estavam muito mais avançadas no mundo Ocidental. O CAME<sup>16</sup> não funcionava eficazmente, em particular em relação às novas questões relacionadas com a revolução científico-técnica.

A partir de 1985 os problemas agudizaram-se com o enfraquecimento da economia socialista. Quando os fornecimentos de petróleo soviético e de outras matérias-primas foram reduzidos, tivemos grandes dificuldades em encaixar esse golpe. Estávamos habituados a receber da União Soviética matérias-primas no valor de dois mil milhões de marcos-valuta<sup>17</sup>.

Em 1981 dirigi-me ao *Politburo* do PCUS, a pedido da Comissão Estatal para o Plano da RDA, chamando seriamente a atenção para o facto de que a redução unilateral do fornecimento de petróleo de 19 para 17 milhões de toneladas ameaçava abalar a RDA. Tanto mais que se seguiu uma redução do fornecimento de cereais de três a quatro milhões de toneladas, obrigando-nos a comprar cereais ao Ocidente.

Uma outra questão diz respeito ao aprofundamento da democracia. Foi um erro não se ter dado rápido seguimento às propostas apresentadas no VIII Plenário realizado em 1988, no sentido de uma maior participação das pessoas na gestão directa da sociedade, das empresas, dos bairros. Também se discutiu a criação de conselhos de empresa e muitas outras propostas.

---

<sup>16</sup> CAME (Conselho de Assistência Mútua Económica), foi criado em 1949, sendo integrado pela União Soviética, Alemanha Oriental (1950-1990), Checoslováquia, Polónia, Bulgária, Hungria e Roménia. (N. Ed.)

<sup>17</sup> Designação oficial na RDA para o marco ocidental e que em sentido mais lato abrange todas as moedas convertíveis dos países ocidentais. (NT)

Contudo, pretender hoje que não havia democracia no socialismo ou até mesmo afirmar que a democracia burguesa é superior à democracia socialista não corresponde nem à verdade nem às realidades da sociedade capitalista que estão à vista de todos.

É necessário romper o véu da conversa modernista sobre uma democracia acima das classes. Só pode haver uma verdadeira democratização se as pessoas que criam riqueza forem as proprietárias dos principais meios de produção e da terra. A democracia burguesa, onde funciona, reduz-se a espaços de liberdade conquistados ao capital pela luta dos trabalhadores. Quando o poder está nas mãos do capital, o povo é tutelado. As estruturas e mecanismos democráticos existentes não alteram isto em nada, pois deixam de desempenhar qualquer papel sempre e quando os interesses do lucro e de classe são tocados.

O palavreado sobre o povo tutelado no socialismo carece de qualquer fundamento. Onde o povo é proprietário dos meios de produção, não existe nenhuma forma de exploração, nenhuns constrangimentos económicos que conduzam à sua submissão. Significará isto que as nossas estruturas democráticas eram suficientes? Quais os aspectos que deviam ser melhorados e aperfeiçoados?

Não há dúvida de que a nossa democracia funcionava de forma insuficiente em muitos aspectos. Não estava suficientemente aprofundada a vários níveis. A participação das pessoas em questões decisivas, a co-responsabilização e a consciência de proprietários eram insuficientes.

Os nossos princípios eram claros para todos estes problemas: continuar a melhorar o existente, falávamos da salvaguarda da continuidade e da necessária renovação. Nunca fomos contra reorganizações, novos caminhos, quando eles nos faziam progredir na construção do socialismo. Estes conceitos encontram-se em numerosos documentos do nosso partido e do Estado.

Mas éramos contra o tipo de renovação que levou ao abandono do socialismo na União Soviética e a dolorosas experiências.

Todavia, desmentindo todas as afirmações contrárias, deve-se sublinhar que a RDA apoiou o novo rumo do PCUS, tal como foi inicialmente aprovado. Os materiais do PCUS sobre a reestruturação foram amplamente divulgados na RDA como em nenhum outro país socialista.

Mas não seria correcto e até teria sido perigoso transpor para a RDA a reestruturação da União Soviética, que resultava de especificidades históricas e de condições próprias do seu desenvolvimento. Este era o nosso ponto de vista, e hoje reconheço ainda mais a sua justeza.

As insuficiências do nosso trabalho ideológico pesaram muito. Fizemos muito, mas perante as novas questões que a vida colocava diariamente, a qualidade do nosso trabalho deixava muito a desejar. Discutimos isto abertamente no encontro do CC do PSUA com os secretários dos subdistritos, que se realizou em 12 de Fevereiro de 1988.

Quais eram esses novos problemas?

Depois de Helsínquia, o adversário investiu enormes meios na campanha em defesa dos direitos humanos, cujos efeitos manifestamente subestimámos. Foi um erro não se ter respondido. Em vez de partirmos para a ofensiva, deixámos-lhes espaço para avançar. De facto, em vez de sermos nós a exigir o cumprimento dos

direitos humanos elementares, permitimos que os imperialistas, sob a bandeira da liberdade, reclamassem direitos que espezinham nos seus países.

A nossa concepção desta questão era demasiado débil na teoria e na prática. E havia aspectos dificilmente realizáveis nas condições da RDA. Penso por exemplo no alargamento das possibilidades de viajar.

Havia esquematismo no trabalho ideológico? Sim, havia.

Aqueles que desfiguraram a história do socialismo, acentuando erros e deficiências, e reclamando-se eles próprios de comunistas sem defeitos, tendo embora virado costas ao partido, dificultaram o trabalho ideológico junto da juventude e contribuíram para a desagregação.

Muitos perderam assim as suas convicções nos ideais socialistas. Revelar as deficiências e erros era um aspecto necessário para clarificar o que se devia fazer melhor no presente e no futuro. Havia que retirar os ensinamentos necessários. Mas como se produziu tanta desorientação?

Assistiu-se a um enorme ajuste de contas com a história do socialismo através dos meios de informação, mas também da literatura e das artes dramáticas. O socialismo foi apresentado como o caminho do crime e do engano.

O presidente do *PDS*, Gregor Gysi, também participou mais tarde nesta campanha, caracterizando o *PSUA* como um partido reaccionário e o socialismo como um feudalismo.

Levantaram-se dúvidas e os nossos ideais foram abalados.

Não obstante, o Partido Comunista da Alemanha e mais tarde o *PSUA* fizeram um trabalho gigantesco de divulgação junto dos alemães da grandiosidade da edificação soviética, da história do primeiro Estado socialista no mundo! Um povo foi literalmente reeducado e transformado de inimigo em amigo da União Soviética. As condições históricas e políticas permitiram que os comunistas e os antifascistas alemães não deixassem qualquer espaço para sofismar o papel mundial da União Soviética, sem se silenciar o período de Stáline, que foi tão doloroso numa determinada fase.

Acusaram-nos de termos idealizado o papel da União Soviética. É possível, mas teríamos o direito de a cobrir de lama, tal como o fazia permanentemente a propaganda ocidental? A União Soviética era para nós o porta-estandarte do socialismo.

Será que nos esquecemos de que Reagan classificou a União Soviética de «*império do mal*»,<sup>18</sup> que tinha ser decapitado? O *PSUA*, a maioria do povo e gerações inteiras tinham sido educados no espírito de uma confiança inabalável na União Soviética. Agora tinham de digerir pela segunda vez (primeiro em 1956 e em depois 1985-1990) ataques destruidores que não vinham só do exterior.

---

<sup>18</sup> O Presidente dos EUA, Ronald Reagan, e os conservadores americanos aplicaram à União Soviética o conceito de «*Império do Mal*» (em inglês *Evil Empire*). A expressão foi criada por R. Dolan, o redactor dos discursos do presidente, como elemento da guerra psicológica. Reagan utilizou-o pela primeira vez, a 8 de Março de 1983, num discurso na *National Association of Evangelicals* em Orlando, Florida. George W. Bush, outro cristão fundamentalista, transformou-o no «*Eixo do Mal*». Estes conceitos baseavam-se na ideia de uma iminente luta final entre o bem e o mal.



De repente tudo estava a ser posto em causa. Foi uma reavaliação de todo o espinhoso caminho percorrido pelo socialismo, até mesmo da vitória sobre o fascismo.

Mas não se tratava de uma análise do desenvolvimento da história, das falhas e erros. Não. Tudo que até então tinha sido considerado correcto, incluindo a Revolução de Outubro, foi posto em causa.

Como podia e devia o nosso partido reagir perante isto? Que consequências teria uma oposição declarada a uma política que era tolerada abertamente na União Soviética? O isolamento da RDA? E as pessoas compreendê-lo-iam?

Nós éramos a favor de mudanças políticas positivas na União Soviética. Em 1985 saudámos a adopção pela União Soviética de um novo programa de política social, com o objectivo de melhorar a vida quotidiana do povo. Duvidámos, é certo, de que tal pudesse ser alcançado através da aceleração do desenvolvimento socioeconómico.<sup>19</sup> O resto do que se passava na vida política soviética era visto por nós como assuntos internos que dificilmente podíamos avaliar.

É verdade que vi de maneira crescente o perigo que podia resultar, e efectivamente já resultava, de certas avaliações erradas do imperialismo. E adverti para isso. Mas, visivelmente, como posteriormente se demonstrou, nem todos os membros da nossa direcção estavam convencidos de que daí resultaria a dissolução da RDA. O processo de desagregação, incluindo nas fileiras do partido, estava mais adiantado do que eu próprio pensava. Afirmar-se hoje que tínhamos uma atitude negativa em relação à União Soviética é contraditório com os acontecimentos posteriores.

Pergunta-se, qual o papel da oposição neste processo? Havia uma vasta cooperação com diferentes correntes, com diversas forças na sociedade, também com círculos próximos da Igreja. Havia mais cooperação do que muitos hoje querem fazer crer. A nossa política de diálogo traduzia a vontade de uma ampla aliança de pessoas sensatas e realistas.

Não havia só discussões internas, mas também acções amplamente conhecidas na opinião pública, conferências e encontros organizados em cooperação com as igrejas, com os pacifistas e outras organizações. Lembro-me, por exemplo, da Marcha Olaf Palme,<sup>20</sup> que nas fileiras do nosso partido teve mais do que um mero apoio. Havia

---

<sup>19</sup> Em Abril de 1985 iniciou-se na URSS a discussão das reformas sob o lema da «*aceleração do desenvolvimento socioeconómico*». Em Novembro de 1985 o *Politburo* aprovou as primeiras medidas. A partir de 1986 o conceito de «*aceleração*» foi sendo substituído pelo de *perestroika*. A discussão intensificou-se a partir de meados de 1986 e no plenário do CC, de Janeiro de 1987, foi aprovada a proposta de lei para a reforma da economia. Em Março de 1987, a reunião plenária do CC do PCUS aprofundou a reforma e em Junho de 1987 Gorbatchov apresentou as suas «*Teses Fundamentais*» que constituíram a base política das reformas económicas. Nas suas memórias, Gorbatchov formula assim os cinco pontos para a «*transformação das relações económicas*»: a) superação do alheamento das pessoas da propriedade; b) democratização da produção, reforma do planeamento e da administração, da cooperação, etc; c) desenvolvimento das relações monetário-mercantis; d) descentralização da economia; e) problemas da justiça social. (NT)

<sup>20</sup> Olaf Palme (1927-1986), primeiro-ministro sueco de 1969 a 1976 e de 1982 a 1986, era um defensor do desarmamento. Propôs, entre outras medidas, a criação de um corredor livre de armas atómicas na Europa central. A visão de Palme de um continente sem armas

gente nestes círculos que tinham pessoalmente intenções honestas. Muitas vezes avaliámo-las politicamente de forma negativa. Isto empurrou-as frequentemente na direcção errada. Mas nem sempre era fácil evitá-lo.

Evoquemos a este propósito o papel das igrejas. Em 1985, a coberto da *perestroika* e *glasnost*, a Igreja Evangélica da RDA começou a transformar as casas de Deus em casas de partidos. A sua direcção obrigou o bispo Gienke<sup>21</sup> a demitir-se por ter convidado o Presidente do Conselho de Estado<sup>22</sup> para a cerimónia de inauguração da Catedral de Greifswald, restaurada também com dinheiros do Estado.

As manifestações de Novembro foram praticamente todas dirigidas por pastores. Depois da «*mudança*» os pastores ocuparam a maioria das funções oficiais importantes.

Mas também havia diferenças no comportamento dos pastores e das direcções das igrejas. Um número apreciável era sinceramente a favor da RDA e da Igreja no socialismo. Caracterizar toda a oposição como inteiramente alinhada com concepções diferentes das nossas é uma simplificação.

É certo que o núcleo da oposição era anti-socialista. Não se deve perder isso de vista. Havia inimigos do Estado socialista que queriam a destruição do sistema. Como qualificar de outro modo aqueles que trabalharam para a restauração do sistema político e económico do capitalismo sob a capa da democracia burguesa?

Dê-se a volta que se der, tratou-se de uma luta pelo poder, pela reconquista do poder da burguesia perdido há 40 anos. Não estava em causa derrotar um «*poder pessoal*», derrotar «*a dominação do Politburo*», mas sim expropriar as empresas pertencentes ao povo, liquidar as cooperativas de produção agrícolas, restituir as

---

nucleares foi partilhada pelos círculos pacifistas da igreja da RDA, que apelaram, em Setembro de 1987, a uma marcha nacional pela paz sob o nome de Olaf Palme. Na Turíngia o grupo de trabalho local da Conferência Cristã da Paz (*CFK*) iniciou, a 19 de Setembro de 1987, uma marcha pela paz entre o Monumento Nacional Evocativo de Buchenwald e o Centro Evangélico Thomas Müntzer, em Kapellendorf.

<sup>21</sup> Horst Gienke (1930), bispo da Igreja Evangélica da Pomerânia de 1972 a 1989, foi presidente do Conselho da Igreja Evangélica da União (*EKU*) na RDA de 1973 a 1976 e de 1987 a 1989. Em 1980, a secção de Teologia da Universidade Ernst-Moritz-Arndt de Greifswald atribuiu-lhe o doutoramento *honoris causa*. A 11 de Junho de 1989, na presença de Erich Honecker, a Catedral de Greifswald foi de novo inaugurada depois de uma profunda remodelação. O convite a Honecker, decidido por Gienke sem consultar o Sínodo e a direcção da Igreja, foi muito criticado. A missa da cerimónia foi uma das últimas aparições públicas de Honecker, antes da sua queda a 18 de Outubro de 1989. Pouco depois da cerimónia, o jornal *Neues Deutschland* publicou a troca de correspondência entre Gienke e Honecker, o que aumentou as pressões sobre o bispo. Em Setembro de 1989, a Congregação de Pastores de Greifswald exigiu, por escrito, aos membros da direcção da Igreja que retirassem a sua confiança ao bispo. Simultaneamente exigiram que Gienke se demitisse. Após acesa controvérsia, em 21 de Setembro de 1989, a direcção da Igreja colocou-se do lado de Gienke. Contudo, o Sínodo não confirmou esta posição no seu Congresso de Outono e retirou a confiança a Horst Gienke, com 32 votos a favor e 30 contra, salientando que «*desde há algum tempo que existe uma profunda e crescente desconfiança no exercício das funções do bispo*». Depois de um período de reflexão, Gienke demitiu-se. A direcção da Igreja passou-o de seguida à reforma.

<sup>22</sup> Este cargo era ocupado pelo próprio Honecker. (NT)

terras aos grandes proprietários e a eliminar a propriedade socialista. Tratou-se da liquidação da RDA, da liquidação das suas instituições científicas, dos equipamentos de saúde, de tudo o que estava relacionado com o Estado da RDA. Os capitalistas recuperaram as suas empresas, o poder do capital foi pura e simplesmente restaurado. Era isso que estava em causa.

Ninguém pode hoje negar que o guião seguido em todos os países socialistas e que se consumou na contra-revolução foi dirigido a nível internacional. O mesmo guião levou à destruição dos partidos marxistas nestes países. Foram sacrificados no altar do «*novo pensamento*».

Foi um erro fatal considerar que a diferença entre os sistemas sociais desaparecia com o «*novo pensamento*». Nos últimos anos, a história do socialismo foi apresentada de forma desfigurada. Vejo nisso uma das causas de equívocos e de perda de identificação de muita gente com o socialismo. Mais grave ainda, a imperfeição de uma ordem social ainda jovem historicamente não era apresentada em todos os seus aspectos, com todas as suas contradições.

Os equívocos e erros cometidos no caminho para uma nova ordem social foram tratados de uma forma que punha em causa as conquistas e os ideais de uma sociedade alternativa à exploração capitalista.

Manifestamente, a nossa fraqueza consistiu em não se ter conseguido materializar para cada indivíduo todos os aspectos dos nossos ideais socialistas. Nunca negámos que o socialismo se encontrava ainda num estágio inicial de desenvolvimento. Havia também as condições objectivas que limitavam avanços desejáveis, mas apesar disso o socialismo demonstrou um potencial de desenvolvimento inesgotável.

Continua sem se saber o que poderia ser o tão invocado «*socialismo democrático*». Qualquer que seja a definição que se lhe dê, o afastamento decisivo do comunismo significa não só a negação dos ideais comunistas, mas também a negação da transformação ocorrida nas relações de propriedade.

A abolição da exploração do homem pelo homem exige necessariamente a eliminação da propriedade privada dos meios de produção essenciais. Esta é a condição fundamental para a orientação efectiva da produção para as necessidades da sociedade e do indivíduo, para a participação e responsabilização dos operários, dos camponeses, dos intelectuais, das mulheres e jovens, em resumo, de cada cidadão em todos os aspectos da vida quotidiana, para a expansão da vida cultural, para o respeito pelos outros e a protecção de cada um. Uma verdade essencial persiste: o socialismo só existe quando a paz, o direito ao trabalho, a solidariedade e os direitos humanos fundamentais estão garantidos. Caso contrário, toda a conversa sobre o livre desenvolvimento da individualidade do ser humano não passa de uma mera cortina de fumo.

Colocam-me frequentemente a seguinte pergunta: havia trocas de experiências entre os países socialistas sobre tais questões fundamentais da política? Sim, havia a todos os níveis e em diferentes sectores da vida social. Havia um intercâmbio frutífero de experiências e também de opiniões divergentes, havia cooperação. Falava-se de muitas coisas, mas a questão do pluralismo na sociedade, que levantava tantos problemas, nunca foi discutida a fundo. O mesmo aconteceu com muitas outras questões importantes.

Como disse, falava-se de tudo, mas enquanto os Estados da NATO adoptavam resoluções, concertavam acções comuns em diferentes áreas, entre nós, a partir de

1986, passou a vigorar um outro princípio: cada um devia desenvolver a sua própria política. Todavia este princípio não era respeitado quando se tratava dos interesses da potência dirigente.

O princípio era certamente justo. Mas não devia ter levado à violação de outros princípios estipulados nos tratados de amizade, de cooperação e apoio mútuo.

É particularmente lamentável que na Conferência de Bucareste, no auge da crise política de 1989, não se tenha discutido abertamente e acordado medidas de acção comuns. Vários secretários-gerais exigiram uma nova conferência para Outubro de 1989, em Berlim, mas já não se pôde realizar. Coloca-se naturalmente a questão de saber se teríamos podido impedir a evolução das coisas.